

# Sistemas de Classificação Nominal em Enawene Nawe (Aruák)

Ana Paula Brandão<sup>a</sup> e Thainá de Lima Reis<sup>b</sup>

<sup>a</sup>Universidade Federal do Pará, <sup>b</sup>Universidade Estadual de Campinas

## Resumo

É comum que em muitas línguas amazônicas os sistemas de gênero gramatical e classificadores coexistam como estratégias distintas de categorização do léxico nominal. Este parece ser o caso da língua Enawene Nawe (EN), língua Aruák falado no Estado de Mato por aproximadamente 1000 falantes. Classificado no subgrupo Juruena por Brandão & Carvalho (2022), o EN possui morfemas até então analisados como gênero gramatical, a saber *-li* e *-lo*, que são cognatos dos gêneros masculino e feminino *-e* e *-o* em Proto-Arawak. No entanto, esses marcadores ocorrem apenas em contextos específicos, como verbos descritivos, tendo a concordância obrigatória apenas com referentes humanos, diferentemente de outras línguas da família Aruák. Quanto aos classificadores, a língua apresenta sete morfemas classificatórios: *-se* ‘grande, longo’; *-kase* ‘fino, longo, rígido’; *-nase* ‘cilíndrico’; *-xi* ‘pequeno’; *-hi* ‘fino, longo, flexível’; *-oko* ‘circular’; *-da* ‘líquido’. Esses morfemas fazem referência ao tamanho, forma e consistência dos referentes e podem ocorrer com função derivacional, quando ligados a nomes, e com verbos descritivos e numerais (possuindo função anafórica). Este trabalho busca apresentar uma descrição dos sistemas de classificação nominal na língua Enawene Nawe, analisando algumas propriedades desses morfemas a fim de entender suas diferenças e semelhanças, como também verificar como os dois sistemas se comportam em relação ao que é prototípico para essas categorias.

## 1 Introdução

As línguas do mundo apresentam diferentes estratégias de classificação nominal, sendo este fenômeno um traço comum e universal à comunicação humana. No que diz respeito a línguas Amazônicas, os sistemas de classificação comumente encontrados são o gênero gramatical e os classificadores, como é o caso do Enawene Nawe, língua Aruák em que esses dois sistemas coexistem. Este artigo tem como objetivo apresentar uma descrição e análise dos morfemas de gênero e dos classificadores, entendendo as propriedades que diferem e/ou assemelham os dois sistemas nessa língua.

Os dados coletados foram obtidos em pesquisa de campo de 2018 a 2020 na aldeia *Halataikwa* e na cidade de Vilhena. Os dados foram coletados através dos métodos de elicitación, julgamento de gramaticalidade, gravação de dados espontâneos, tais como: narrativas tradicionais, textos sobre histórias de vida, artesanatos e descrições de animais. As gravações somam aproximadamente 37 horas. Para a organização de dados, utilizamos os programas ELAN para transcrição e tradução, e FLEx (*FieldWorks Language Explorer*) para criação de banco de dados lexical e textual. A análise foi feita com base nos trabalhos de Aikhenvald (2016), Passer (2016) e Grinevald (2000).

Primeiro iremos apresentar algumas informações gerais sobre o povo e a língua EN, para em seguida discutir o referencial teórico que discute algumas propriedades dos sistemas de gênero e classificadores, as quais foram utilizadas nesta análise. Na seção 3, vamos analisar algumas propriedades dos morfemas considerados classificadores. Em seguida, na seção 4, iremos analisar os morfemas até então descritos como gênero gramatical na língua. Na seção 5, vamos comparar os dois sistemas apresentados e verificar se a hipótese, apresentada em Brandão & Reis (2020), de que há morfemas de gênero na língua, apesar de os mesmos não apresentarem todas as propriedades típicas desse sistema de classificação.

## 2 Povo e Língua Enawene Nawe

A língua Enawene Nawe (daqui por diante EN) pertence à família Aruák e é falada por um povo de mesmo nome que está localizado no Noroeste do estado do Mato Grosso, na região Centro-Oeste do Brasil. Dados oficiais indicam que a população EN estaria em torno de 600 a 700 pessoas (O Instituto Socioambiental estima a população em 737 indivíduos, enquanto o IBGE aponta o número de 627)<sup>1</sup>. No entanto, em viagem a campo em 2020, Brandão observou que a realidade é outra, e estimou (não-oficialmente) que a população EN provavelmente já gira em torno de 900 a 1000 indivíduos, divididos em duas comunidades: a maior e mais recente, chamada *Dolowikwa*, e a aldeia *Kolinakwa*, criada em meados de 2020 (Reis, 2020). Todos os EN são falantes da língua e majoritariamente monolíngues (crianças, mulheres e idosos falam somente a língua materna).

Os únicos trabalhos descritivos sobre o EN conhecidos até o momento são sobre a fonética e fonologia (Rezende, 2003) e morfologia (Brandão & Reis, 2018; Brandão & Reis, 2020; Reis 2020). Esses trabalhos recentes sobre a morfologia são descrições preliminares do sistema de gênero, que começaram com uma pesquisa apenas com termos de parentesco, posteriormente ampliada para incluir nomes de animais e objetos, além do estudo da concordância.

## 3 Sistemas de Classificação Nominal em Línguas Naturais

Há vários trabalhos desde os anos de 1970 que descrevem as propriedades dos sistemas de classificação nominal, comparando classificadores e gênero/classes nominais, a exemplo dos trabalhos de: Aikhenvald, 2000; Allan, 1977; Grinevald, 2000; Grinevald & Seifart, 2004. A tipologia linguística propõe três sistemas que são comumente utilizados para a classificação nominal nas línguas naturais: classes nominais (incluindo o gênero gramatical), classificadores e termos de classe (cf. Aikhenvald, 2000; Grinevald, 2000). Segundo essas autoras, os sistemas de classificação nominal podem ser analisados a partir de um continuum léxico-gramatical, no qual a parte lexical se refere ao léxico, à dinâmica de formação de palavras e à composição semântica, enquanto a parte gramatical refere-se à morfossintaxe. O gênero e as classes nominais são considerados sistemas mais gramaticais, já os classificadores e termos de classe são considerados sistemas lexicais.

Passer (2016) aponta para o fato de que o processo de gramaticalização pode relacionar os sistemas de classificadores e de gênero. Os classificadores apresentam uma independência semântica e formal, que são perdidas ao passarem pelo processo de gramaticalização e resultam em sistemas semanticamente opacos de classes formais de nomes (característica prototípica dos sistemas de gênero/classes nominais). De acordo com o autor, as pesquisas realizadas até então são voltadas para as propriedades formais e não funcionais destes sistemas e a literatura apresenta mais descrições do que análises, devido à escassez de dados para muitas línguas.

Grinevald (2000), Aikhenvald (2016) e Passer (2016) apresentam algumas propriedades usadas como critérios para distinguir o status gramatical dos sistemas de classificação nominal. Na Tabela 1, elencamos as principais propriedades que são listadas nos três trabalhos e serão usadas na análise da língua EN.

---

<sup>1</sup> Os dados do Isa são datados de 2014 e tem como fonte a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). Já os dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística datam de 2010, quando foi realizado o último censo.

PROPRIEDADES			SISTEMAS	
Grinevald (2000)	Passer (2016)	Aikhenvald (2016)	Típico em Gêneros	Típico em CLF
Realizada através de concordância	Marcação múltipla	concordância com o nome	Sim	Não
Pequeno número de classes	Conjunto de classes delimitado	número limitado/contável	Sim	Não
Classifica todos os nomes	Obrigatoriedade	todos os nomes pertencem a uma classe	Sim	Não
Atribuído a uma classe, sem variação	Atribuição: de acordo com o sistema	---	Sim	Não

**Quadro 1:** Propriedades de sistemas de gênero e classificadores

A primeira propriedade, *agreement* traduzida para o português como concordância, possui duas definições: uma mencionada em Corbett (1991), adotada nos trabalhos de Aikhenvald (2016) e Grinevald (2000), e outra definição dada por Passer (2016), também chamada de múltipla marcação. Corbett (1991) considera que os morfemas de gênero devem ocorrer em palavras associadas aos nomes (como artigos, pronomes e/ou modificadores). Existem línguas que marcam o gênero tanto no nome quanto nos modificadores (a chamada marcação *overt*), e há outras em que essa marcação ocorre apenas nas palavras associadas (marcação *covert*). Já Passer (2016) prefere usar uma definição mais restrita de concordância, a chamada múltipla marcação. A informação da classe do nome seria copiada para uma variedade de satélites nominais.

Há uma diferença mínima nos conceitos de Corbett e Passer, pois se a informação sobre a classe do nome é copiada uma única vez na sentença, não seria concordância para esse último autor. Sendo assim, esta propriedade diferenciaria o comportamento dos classificadores com relação ao gênero, pois os classificadores ocorreriam apenas uma única vez no sintagma cujo núcleo é o nome categorizado, não apresentando concordância.

A segunda propriedade, que diz respeito ao número limitado de classes, está ligada principalmente ao conceito de gênero gramatical usado para se referir aos sistemas encontrados em línguas Indo-Europeias, isto é, com três distinções que geralmente são masculino, feminino e neutro. São raras as línguas que apresentam um número maior de classes e que também podem ser consideradas como tendo gênero gramatical; como é o caso da língua Fula, uma língua Nigero-Congolesa que tem em torno de vinte gêneros, dependendo do dialeto (Corbett, 2013:124). Línguas que apresentam mais de 24 classes, como é o caso do Coreano, Mandarim, Bora e Mundurukú (Passer, 2016), são línguas que possuem sistemas mais parecidos com os de classificadores.

A terceira propriedade indica a obrigatoriedade da classificação, mostrando que o gênero é uma categoria que se estende a *todos* os nomes de uma língua. Ao contrário dos classificadores, que não são inseridos em todos os contextos, e não são, portanto, obrigatórios.

Já a quarta propriedade refere-se à atribuição de nomes a uma determinada classe, se seria baseada apenas no sistema ou permitiria alguma variação. Passer (2016) explica que esse tipo de atribuição difere do que Corbett (1991, p. 8) considera como *assignment*, atribuição feita com base em duas propriedades dos nomes: sua forma e seu significado. É possível caracterizar um sistema de gênero, cuja atribuição tem por base a forma, como tendo uma atribuição que é invariante. Porém, uma atribuição com base no significado, não é uma propriedade específica desse sistema de classificação, pois não importa o quão complexo um sistema de gênero gramatical possa ser, sua base semântica sempre fará referência aos parâmetros universais de sexo, humanidade e animacidade (cf. Aikhenvald, 2016:18). O que há são sistemas que possuem uma atribuição semântica mais livre, que pode variar de acordo com a vontade do falante, e outros que não são suscetíveis à variação.

Por isso, também será analisada a propriedade de contribuição semântica do sistema encontrado na língua EN. É esperado que classificadores e não gêneros sempre contribuam semanticamente com o sintagma nominal em que os morfemas estão inseridos (gêneros, no geral, apresentam uma distinção de sexo biológico).

## 4 Sistemas de Classificação em Línguas Aruák

Os sistemas de classificação nominal podem ser encontrados em várias famílias linguísticas da Amazônia, sendo mais recorrentes os classificadores em famílias como Aruák, Tupi, Tukano, Nambikwara, Yanomami e Bora (Epps & Salanova, 2012). O gênero é mais comum em línguas das famílias Arawá, Aruák e Chapakura (Epps & Salanova, 2012; Birchall, 2008). Segundo Aikhenvald (1999:83), as línguas Aruák comumente apresentam dois gêneros, masculino e feminino. A marcação, predominantemente *covert*, ocorre por meio de afixos ou em demonstrativos, sendo frequente a distinção de gênero nos pronomes pessoais de terceira pessoa do singular, e não havendo a marcação nas formas de plural. Essa categoria remonta desde a proto-língua, com os afixos de terceira pessoa do singular *\*thu-*, *\*-u* (feminino) e *\*ri-*, *\*-i* (masculino). Em estudo tipológico recente, Miranda (2020b:1546) apresenta que a atribuição do gênero nas línguas Aruák do Sul é semântica, diferentemente das línguas Aruák do Norte, nas quais predomina a atribuição gramatical.

Já os morfemas classificatórios presentes nessas línguas Amazônicas são em geral descritos como “atípicos e complicados” (Grinevald & Seifart, 2004). Os autores mencionam que algumas línguas apresentam mais de cinco subtipos diferentes de classificadores em uma mesma língua, além da possibilidade desses morfemas ocorrerem em uma variedade de contextos morfossintáticos. De acordo com Aikhenvald (2000), essas línguas podem apresentar vários subtipos de classificadores, dependendo do contexto morfossintático em que ocorrem: classificadores nominais, numerais, genitivos, verbais (considerados mais comuns), locativos e dêiticos (considerados mais raros). As línguas Aruák apresentam todos esses classificadores com exceção dos dêiticos, sendo encontrados também classificadores com adjetivos (Miranda, 2020a).

Observamos que a língua EN, como as demais línguas Aruák, possui uma marcação de gênero masculino e feminino, apesar de o sistema não apresentar todas as propriedades típicas de um sistema de gênero. Além disso, verificamos a existência de pelo menos três tipos de classificadores: nominais, verbais e numerais. As seções seguintes apresentam as descrições e análises dos morfemas classificatórios nessa língua.

## 5 Análise dos Classificadores em EN

Consideramos quatro propriedades para a análise de classificadores: as duas principais características dos sistemas de classificadores, que são o número de classes e a contribuição semântica, além da concordância e tipo de marcação<sup>2</sup>. Em EN, foram encontrados até então 7 classificadores (listados no Quadro 1). Eles não ocorrem em todos os contextos, ocorrendo mais frequentemente nos contextos em que estão ligados a nomes de animais e objetos.

Semanticamente, eles se referem às propriedades físicas dos referentes, a maioria ao formato e/ou tamanho e apenas um classificador à consistência. É possível identificar a origem lexical de alguns desses morfemas a partir de nomes para partes de plantas e partes do corpo, que passaram pelo processo de extensão semântica (semelhante ao que ocorre em outras línguas Amazônicas como Apurinã, Hup, Paresi). Por exemplo: *-nase* ‘cilíndrico’, originou-se de *nase* ‘tronco de’ e *-kase* ‘fino, longo, rígido’ de *kase* ‘perna’.

---

<sup>2</sup> Não iremos analisar as propriedades de atribuição aqui, apenas na seção sobre gênero, pois não foram coletados dados suficientes para observar se há variação de uso desses morfemas de acordo com a vontade dos falantes.

Classificadores	Glosa	Origem Lexical
<i>-se</i>	grande, longo	--
<i>-kase</i>	fino, longo, rígido	<i>kase</i> 'leg'
<i>-nase</i>	cilíndrico	<i>nase</i> 'trunk'
<i>-xi</i>	pequeno, redondo	<i>xixi</i> 'small'
<i>-hi</i>	fino, longo, flexível	--
<i>-oko</i>	circular	--
<i>-da</i>	líquido	--

**Quadro 2:** Classificadores em EN

O classificador *-se* é usado com pessoas altas ou com entidades que apresentam um tamanho maior do que o normal, como no exemplo (1), com significado literal de 'criança alta', em oposição ao classificador *-xi* 'pequeno, baixo'. Ocorre ainda com partes do corpo, animais (2) e objetos (3) com o formato comprido. Também aparece como parte de outros classificadores: *-kase*, *kwase*, *-nase*, sendo que além do tamanho esses outros classificadores também enfatizam as propriedades físicas da flexibilidade, massa, linearidade e dimensão.

- (1) *diwalose*  
 diwa-lo-se  
 criança-FEM-CLF.longo  
 'menina' (Elicitação)
- (2) *toenerese erolisero*  
 maose<sup>3</sup> toenerese ero-li-se-ro<sup>4</sup>  
 tatu-canastra nariz-CLF.longo ser.grande-?-CLF.longo-FEM  
 'O tatu-canastra tem o nariz comprido e grande' (Elicitação)
- (3) *xixase*  
*xixa-se*  
 cuia-CLF.longo  
 'copo grande' (Elicitação)

O classificador *-se* também pode coocorrer com *-kwa*<sup>5</sup> para se referir a alguns peixes com formato comprido e achatado:

- (4) *walalailiyaka erokwasero*  
 walalailiyaka ero-kwa-se-ro  
 abotoado ser.grande-?-CLF.longo-FEM  
 'O peixe abotoado é grande' (Elicitação)

<sup>3</sup> O *se* é um classificador lexicalizado nessa palavra, por isso, não foi segmentado como morfema.

<sup>4</sup> Os morfemas de gênero com referentes não humanos podem ocorrer na língua de forma não obrigatória, com o falante escolhendo fazer uso ou não da concordância. Mais a frente, na seção de análise do gênero em EN, discutiremos esse tópico mais a fundo.

<sup>5</sup> O morfema *-kwa* possivelmente é cognato com *-koa* em Paresi usado para se referir à superfície plana. Como temos poucos exemplos, apenas com peixes, preferimos não glosar o morfema.

- (5) *kaialikwase aikiolikwasero*  
 kaiali-**kwa-se** aikioli-**kwa-se-ro**  
 pacu-?-CLF.longo dente-?-CLF.longo-FEM  
 ‘A piranha é dentuça’ (Elicitação)

O classificador *-kase* se refere não só ao comprimento/tamanho, como também à pouca flexibilidade, como se fosse uma vara. Também ocorre para se referir a partes do corpo (6), animais (7) e objetos (8):

- (6) *yakali aikiolikase*  
 yakali aikioli-**kase**  
 jacaré dente-CLF.longo.rígido  
 ‘O dente do jacaré é grande e pontiagudo’ (Elicitação)

- (7) *doho oxikakasero*  
 doho oxika-**kase-ro**  
 calango ser.amarelo-CLF.longo.rígido-FEM  
 ‘O calango é amarelo’ (Elicitação)

- (8) *akote xixawekase*  
 akote xixawe-**kase**  
 muito cuia-CLF.longo.rígido  
 ‘Tem muitas colheres’ (Elicitação)

O classificador *-nase* além de se referir ao comprimento, faz referência à espessura mais grossa, do tipo cilíndrica, na direção horizontal. É usado para animais quadrúpedes como porcos e macacos, a exemplo do queixada em (9) e com objetos (10).

- (9) *tahoto koxinasero*  
 tahoto koxi-**nase-ro**  
 queixada ser.pequeno-CLF.cilind-FEM  
 ‘a queixada é pequena’ (Elicitação)

- (10) *noxi awitalinase*  
 noxi awita-li-**nase**  
 pilão ser.novo-MASC-CLF.cilind  
 ‘o pilão é novo’ (Elicitação)

O classificador *-hi* se refere ao comprimento longo, como também à espessura fina, sendo usado com partes do corpo (11), animais (12) e objetos (13). Em (13), o classificador faz referência à chama do fogo que sai do isqueiro.

- (11) *diwatirih*  
 diwa-ti-ri-**hi**  
 criança-NPOSS-?-CLF.fino  
 ‘dedinho’ (Elicitação)

(12) *yakialihi*  
 yakiali-**hi**  
 jacaré-CLF.fino  
 ‘tuvira’ (Texto)

(13) *kolata eyowa irikiatihi*  
 kolata eyowa irikiati-**hi**  
 kolata pegar isqueiro-CLF.fino  
 ‘Kolata pegou isqueiro dele’ (Texto)

O classificador *-hi* também co-ocorre com *-kwa* quando usado com insetos pequenos e perigosos como escorpiões e aranhas.

(14) *akola ikiakwahi*  
 akola                    ikia-**kwa-hi**  
 escorpião            ser.pequeno-?-CLF.fino  
 ‘O escorpião é pequeno’ (Elicitação)

(15) *dowa-kwa-hi,            n-aokota            hatita*  
 aranha-?-CLF.fino    1SG-bater            um  
 ‘A aranha pequena, matei uma’ (Elicitação)

O classificador *-xi* é usado para referir-se às crianças (16), pessoas ou animais de estatura inferior à média (17) ou objetos (18). Pode ter a origem na palavra *xixi* ‘pequeno’.

(16) *awalixi*  
 awa-li-**xi**  
 ser.bonito-MASC-CLF.pequeno  
 ‘ele (a criança) é bonito’ (Elicitação)

(17) *katohaloli awalixira*  
 katohalo-li            awa-li-**xi**-ra?  
 sapo-?                    ser.bonito-MASC-CLF.pequeno-INT  
 ‘O sapo é bonito?’ (Texto)

(18) *maratithi olaxi*  
 mara-ti-hi                                    ola-**xi**  
 pescar-NPOSS-CLF.fino                    corda-CLF.pequeno  
 ‘A isca de anzol é pequena’ (Elicitação)

O classificador *-oko* é usado para referir-se a partes do corpo (19), animais (20) e objetos com formato circular (21).

(19) *kanaseoko*  
 kanase-**oko**  
 boca-CLF.circular  
 ‘lábios’ (Elicitação)

- (20) *manese erokoli*  
 manese er-**oko**-li  
 sucuri ser.grande-CLF.circular-MASC  
 ‘A sucuri é grande’ (Elicitação)
- (21) *halakota nokolioko awitalioko*  
 halakota n-okoli-**oko** awita-li-**oko**  
 onde 1SG-flecha-CLF.circular ser.novo-MASC-CLF.circular  
 ‘Onde está meu arco novo?’ (Elicitação)

O classificador *-da* (ou o alomorfe *-ya* que ocorre diante de raízes que terminam com a vogal anterior *i*) refere-se à consistência líquida, sendo usado com bebidas e nomes de rios.

- (22) *kairiya notera*  
 kairi-**ya** no-tera  
 milho?-CLF.líquido 1SG-beber  
 ‘Bebo chicha de milho’ (Texto)
- (23) *ekinodakoda*  
 ekinodako-**da**  
 ekinodako-CLF.líquido  
 ‘Rio *ekinodakoda*’ (Texto)

## 5.1 Contexto Morfossintático

Como visto na seção sobre sistemas de classificação nominal nas línguas naturais, os principais tipos de classificadores são: nominal, verbal, numeral e genitivo. Os dois primeiros tipos são mais frequentes, não encontramos exemplos do último tipo em EN, nem em adjetivos, o que indica que não há obrigatoriedade de ocorrência em todos os contextos.

Os classificadores nominais ocorrem, em geral, com as raízes nominais para derivar uma nova palavra na língua, ou seja, em função derivacional, não sendo usados para marcar concordância nesses casos. Os exemplos em (1), (3), (8), (9), (13), (19) e (22) ilustram essa função e mostram que alguns nomes derivados são itens que não faziam parte da cultura indígena e que foram introduzidos recentemente, tais como utensílios de cozinha e o isqueiro.

O uso de classificadores verbais se restringe a palavras descritivas, que estamos analisamos de forma preliminar como verbos intransitivos, os quais descrevem o tamanho, cor ou qualidade do sujeito do predicado. Nos exemplos em (24) e (25), os classificadores ocorrem com o verbo descritivo *awa* ‘ser bonito’, em construções com o advérbio de intensidade *kaxata* e com o morfema verbal de plural *-ha*, respectivamente.

- (24) *halila awalixi kaxata*  
 halila **awa-li-xi** kaxata  
 tucunaré ser.bonito-MASC-CLF.peq INTENS  
 ‘O tucunaré é muito bonito’ (Texto)
- (25) *wakowa nowayowa ikianawerese atatanaheni. awaliseha*  
 wakowa, no-wayowa ikianawe-re-se ata-tana-heno.  
 acauã 1SG-ver dois-?-CLF.longo galho-árvore-em.cima  
**Awa-li-se-ha**  
 ser.bonito-MASC-CLF.longo-PL  
 ‘Acauãs, vi dois deles em cima do galho. Eles são bonitos.’ (Elicitação)



Os classificadores também podem ocorrer com numerais, não sendo obrigatórios, possuindo uma função de modificador do nome (cf. exemplo 30) ou uma função anafórica, por fazerem referência a um nome citado anteriormente. Nos exemplos em (25) e (26), os referentes nominais *wakowa* ‘acauã’ e *xamiyali* ‘caititu’ aparecem em posição de tópico antes do verbo e são retomados dentro do sintagma nominal pelos classificadores *-se* e *-nase*, respectivamente.

- (26) *xamiyali, wiyeyona haheronekakwa hatitalinasereta*  
 xamiyali      w-iyeyona      haheronekakwa      **hatita-li-nase-re-ta**  
 caititu      1PL-ver      dois      um-MASC-CLF.cilíndrico.-?-?  
 ‘Caititus, vimos três deles’ (Elicitação)

## 5.2 Concordância ou Tipo de Marcação

Uma última propriedade a ser analisada é a concordância. Encontramos exemplos de concordância, segundo a definição de Corbett, dentro e fora dos sintagmas nominais, porém esta não é obrigatória. No sintagma nominal, os classificadores ocorrem apenas nos modificadores<sup>6</sup>, com ou sem a presença dos nomes aos quais fazem referência.

- (27) *xamiyali horanasero mane*  
 xamiyali      hora-**nase-ro**      mane  
 caititu      ser.bravo-CLF.cilind.-FEM      morrer  
 ‘O caititu, aquela que era brava, morreu’ (Elicitação)

Em (27), o classificador *-nase* ocorre na construção nominalizada, através do marcador de gênero feminino *-ro*, que está modificando o nome *xamiyali*. Nos casos em que os classificadores possuem função anafórica, estes funcionam como núcleo do sintagma, já que o nome está em aposição ou pode ser omitido. No exemplo (25), repetido aqui como (28), o nome *wakowa* está em posição de tópico (fora do sintagma nominal), sendo um apostro, e é retomado pelo classificador *-se* no numeral.

- (28) *wakowa, nowayowa ikianawerese atatanaheno.*  
 wakowa      no-wayowa      ikianawe-re-**se**      ata-tana-heno.  
 acauã      1<sup>SG</sup>-ver      dois-?-CLF.longo      galho-ávore-em.cima  
 ‘Vi dois acauãs em cima do galho. (Elicitação)

Os classificadores são comumente encontrados nos verbos intransitivos descritivos referindo-se ao sujeito, como nos exemplos em (4), (7), (14) e (17). Em (25), também temos uma construção semelhante com o verbo *awa* ‘ser bonito’, que foi dada por outro falante com uma estrutura ligeiramente diferente, sem um classificador no verbo *awa*:

- (29) *wakowa nowayowa ikianawe atira eroralo tanaheno. awaliha.*  
 wakowa      no-wayowa      ikianawe      atira      ero-ra-lo  
 acauã      1<sup>SG</sup>-ver      dois      galho      ser.grande-?-FEM  
 tana-heno.      **awa-li-ha**  
 árvore-em.cima      ser.bonito-MASC-PL  
 ‘Vi dois acauãs grandes em cima do galho. Eles são bonitos.’ (Elicitação)

Também investigamos através de elicitación, a possibilidade de marcação múltipla, em mais de um modificador, considerada como concordância em sentido mais restrito por Passer (2016). No exemplo (30), em que temos um numeral e um verbo descritivo em função de modificador (adjetival),

<sup>6</sup> No exemplo (21), o classificador *-oko* ocorre também no nome porque tem a função derivacional, formando a palavra referente a ‘arco’.

observamos que é possível encontrar o classificador em ambos. Porém, é opcional o uso do classificador no numeral, se ele está acompanhado do nome dentro do sintagma nominal ou se há outra forma de fazer referência ao nome, como o uso da marcação de gênero. Portanto, a marcação múltipla parece não ser uma característica desse sistema. No Quadro 3, resumimos as propriedades dos classificadores abordadas nessa seção.

- (30) *xamiyali ikianawenase horanase ro tekwa*  
 xamiyali ikianawe-**nase** hora-**nase-ro** tekwa  
 caititu dois-CLF.cilind. ser.bravo-CLF.cilind.-FEM fugir  
 ‘Dois caititus bravos fugiram’ (E)

Passer (2016)	Típico em CLF	CLF em EN
Quantidade de classes	Várias classes	7 classes
Classificação de todos os nomes	Opcional	Opcional
Concordância	Opcional	Opcional
Variação de fala	Ocorre	Ocorre
Contribuição semântica	Significativa	Significativa

**Quadro 3:** Propriedades dos classificadores em EN

A seguir, serão analisadas as mesmas propriedades para os morfemas que são analisados como gênero.

## 6 Análise do Gênero em EN

Segundo Brandão e Reis (2020) e Reis (2020), a língua EN apresenta dois morfemas que podem ser analisados como indicadores do gênero gramatical: *-li~ri* ‘masculino’ e *-lo~ro* ‘feminino’. Uma análise fonológica mais detalhada precisa ser feita para entender melhor a realização das variantes [l] e [r], mas foi observado que esses morfemas ocorrem no próprio nome ou por meio da concordância em palavras associadas. Os exemplos abaixo mostram o uso da concordância com os morfemas de gênero em Enawene Nawe:

- (31) **a.** *atoli kolakalali*  
 ato-**li** kolakala-**li**  
 avô-MASC ser.velho-MASC  
 ‘Meu avô é velho.’ (Elicitação)
- b.** *ahero kolakalalo*  
 ahe-**ro** kolakala-**lo**  
 avó-FEM ser.velho-FEM  
 ‘Minha avó é velha.’ (Elicitação)

Apesar de os exemplos mostrarem o uso da concordância, a análise mostrou que essa categoria do EN apresenta uma série de comportamentos que diferem do que é comumente encontrado nas línguas

Aruák e nas línguas naturais em que se encontra o gênero gramatical, entre elas: a não classificação de todos os nomes da língua, a restrição e opcionalidade do uso da concordância, variação da marcação de gênero e a falta de critérios semânticos e/ou formais para a atribuição da maioria dos nomes da língua. Os trabalhos realizados anteriormente sobre o gênero na língua levantam a hipótese de que o gênero esteja em processo de mudança para um possível declínio (Reis, 2019; Brandão e Reis 2020; Reis, 2020). A fim de aprofundar a questão e comparar o gênero com classificadores, iremos descrever dados principalmente de textos, além de analisar o comportamento desses morfemas sob a luz das propriedades citadas em Grinevald (2000), Aikhenvald (2016) e Passer (2016).

## 6.1 Concordância

No EN, mesmo com marcação predominantemente *covert*, os morfemas de gênero *-li~-ri* e *-lo~-ro* têm apresentado um uso bastante restrito quando desempenham função de concordância. Essa propriedade tem ocorrido em grande parte em construções com verbos descritivos<sup>7</sup> que fazem alusão à idade ou estado (*kolakala* ‘ser velho’; *mayana* ‘estar solteiro’) de referentes que pertencem à categoria semântica de termos de parentesco (*koko* ‘tio’; *asero* ‘avó’) ou que são nomes derivados (*hatawalali* ‘pessoa malvada’). É obrigatório o uso dos morfemas de gênero com referentes humanos, como nos exemplos abaixo.

- (32) *kokoli kolakalali, kolakalali olawa esewali merena hatawalali enoti.*  
 koko-**li** kolakala-**li** kolakala-**li** olawa e-sewali,  
 tio-MASC ser.velho-MASC ser.velho-MASC tucum 3<sup>SG</sup>-cabelo  
 Ø-merena hatawala-**li** enoti  
 3<sup>SG</sup>-ter.medo pessoa.má- MASC não.indígena  
 ‘Meu tio era velho, era velho com cabelo branco (como tucum). Ele teve muito medo do não indígena mal.’ (Texto)

- (33) *kirolo kadene maitato nasero mayanalo.*  
 kirolo kadene maitato n-ase-**ro** mayana-**lo**.  
 nome.prop INTERJ ? 1<sup>SG</sup>-avó-FEM Ser.solteiro-FEM  
 ‘A vovó Kirolo é solteira.’ (Texto)

Nas construções com verbos descritivos em que os nomes não obedecem ao critério de humanidade, como no caso de animais e objetos, a concordância está passando a ser opcional. Vê-se nos exemplos em (34a) e (34b), que a marca de gênero gramatical do nome *hakolo* ‘casa’ pode ser expressa nos verbos opcionalmente.

- (34) **a.** *nohakoloni akote*  
 no-hakolo-ni akote  
 1<sup>SG</sup>-casa-POSS ser.grande  
 ‘Minha casa é grande.’ (Elicitação)
- b.** *nohakoloni akoteri*  
 no-hakolo-ni akote-**ri**  
 1<sup>SG</sup>-casa-POSS ser.grande-MASC  
 ‘Minha casa é grande.’ (Elicitação)

<sup>7</sup> Apenas no exemplo (30) temos a ocorrência do morfema de gênero *-ro* com função de nominalizador em um SN complexo composto por um verbo descritivo que funciona como modificador do nome.

Lembrando que em uma língua em que há gênero gramatical, a concordância é essencialmente obrigatória, e o fato de sua ausência não causar qualquer falha na compreensão dos falantes pode ser evidência de que a atribuição de gênero está se tornando apenas semântica.

## 6.2 Obrigatoriedade

O gênero gramatical é um sistema que classifica nomes obrigatoriamente. Em outras palavras, significa que cada nome pertence a uma classe de gênero mesmo se o gênero não estiver marcado em sua morfologia, e isso é explícito em todos os contextos (Passer, 2016:187).

A análise dos dados mostrou que a atribuição de gênero em EN ocorre majoritariamente por meio da concordância (mesmo que esta propriedade esteja cada vez mais com seu uso restringido), o que torna a marcação de gênero na língua como sendo predominantemente *covert* (Cobbett, 1991:62). No entanto, por ser um sistema semântico parcialmente transparente, a concordância só é obrigatória com referentes humanos, contexto em que é feita com base no critério do sexo biológico; já com animais e objetos, em que a classificação aparenta não ter nenhuma motivação semântica ou formal, o uso dos morfemas de gênero é opcional e apresenta variação (cf. a seção sobre contribuição semântica).

Entre os nomes referentes a humanos, há alguns que recebem as marcas de gênero em sua morfologia, a chamada marcação do tipo *overt*. O Quadro 4 ilustra os alguns nomes que apresentam essa característica: os itens de 1 a 12 são termos de parentesco; já os itens de 13 a 20 são nomes derivados<sup>8</sup>.

NOMES	GLOSA	NOMES	GLOSA
<i>atoli</i>	‘avô’	<i>ahero</i>	‘avó’
<i>hahali</i>	‘pai’	<i>mamalo</i>	‘mãe’
<i>kokori</i>	‘tio’	<i>kekero</i>	‘tia’
<i>yayali</i>	‘irmão mais velho’	<i>yayalo</i>	‘irmã mais velha’
<i>yowari</i>	‘irmão mais novo’	<i>yowalo</i>	‘irmã mais nova’
<i>watoli / natoli</i>	‘cunhado’	<i>watolo / natolo</i>	‘cunhada’
<i>diwalise</i>	‘menino’	<i>diwalose</i>	‘menina’
<i>ehataliti</i>	‘idoso’	<i>ehataloti</i>	‘idosa’
<i>daratali</i>	‘professor’	<i>daratalo</i>	‘professora’
<i>waratali</i>	‘curandeiro’	<i>waratalo</i>	‘curandeira’

**Quadro 4:** Nomes em EN com marcação *overt*

Não foram encontradas ocorrências da marcação de gênero *overt* em nomes com referentes não humanos. Nesses casos, a identificação de como os nomes estão sendo classificados deveria ser feita por meio de evidências de concordância. No entanto, com a perda gradual da concordância, o uso dos morfemas de gênero em Enawene Nawe se mostrou opcional. Além disso, a variação na escolha de

<sup>8</sup> Os morfemas de gênero também podem ser usados em nominalizações, como em *waratali/waratalo* ‘curandeiro/a’ derivados do verbo *awirata* ‘curar’. A nominalização é um dos processos derivacionais que criam palavras novas em uma língua. E não é incomum que morfemas de gênero apresentem essa propriedade (Armoskaite, 2014). Esse é outro critério para analisar o comportamento da categoria, mas que não será aprofundado nesse artigo, pois ainda estamos em processo de coleta de dados.

morfemas de gênero diferentes para o mesmo nome torna essa identificação ainda mais difícil. Falaremos mais sobre essa atribuição na seção seguinte.

### 6.3 Atribuição

Segundo Passer (2016:222), os sistemas de gênero comumente encontrados têm sua marcação baseada dentro do próprio sistema. Segundo ele, apesar de haver exceções, esse tipo de classificação nominal “prefere uma atribuição mais rígida”. Concordando com o referido autor, Grinevald (2000) afirma que os sistemas de gênero gramatical não permitem que as variações de registro ou de fala afetem a classificação do léxico nominal de uma língua.

Em EN, foi observado durante a análise que nomes, cujos referentes são humanos, são atribuídos a uma classe, enquanto a atribuição de gênero de outros nomes, referente a animais ou objetos, apresenta variação dependendo do falante, não tendo, portanto, uma motivação semântica. Os exemplos a seguir foram retirados, respectivamente, de texto e elicitación, e mostram dois falantes diferentes marcando o mesmo nome ora no gênero feminino, ora no gênero masculino. A maior parte do corpus apresenta o locus da marcação de gênero em verbos descritivos como ilustrado nos exemplos abaixo.

- (35) *hikiata hoserese hehati awalidese?*  
 h-ikiata hoserese hehati awa-**li**-de-se  
 2<sup>SG</sup>-achar coruja ? ser.bonito-MASC-?-CLF.longo  
 ‘Você acha a coruja bonita?’ (Texto – Falante 1)

- (36) *hoserese oxikase-ro.*  
 hoserese oxika-se-**ro**  
 coruja ser.amarelo-CLF.longo-FEM  
 ‘A coruja é amarela.’ (Elicitación - Falante 2)

Por conta da observação de algumas variações, achamos importante que dois falantes diferentes respondessem o mesmo questionário com nomes de animais. O Quadro 5 mostra a comparação dos itens respondidos por ambos. Obtivemos os seguintes resultados: para o falante HE, 9 itens foram marcados como masculinos e 9 como feminino. Para o falante OE, 8 itens foram marcados como masculinos, 4 como feminino, 3 itens foram aceitos com ambos os marcadores e 4 itens não receberam marca de gênero. Desses dados, os falantes concordaram o gênero de apenas 6 itens, cerca de 33% dos nomes do questionário.

Animais	Glosa	Gênero (Falante HE)	Gênero (Falante OE)
<i>Wakowa</i>	acauã	MASC	MASC
<i>konahõ</i>	anu-preto	FEM	não usou
<i>hoserese</i>	coruja buraqueira	FEM	FEM
<i>kalo</i>	arara vermelha	MASC	MASC/FEM
<i>xamiyali</i>	caititu	FEM	MASC/FEM
<i>wisowisohi</i>	caiarara	FEM	MASC/FEM
<i>malola</i>	tatu-canastra	FEM	MASC

<i>walalaliyaka</i>	abotoado (peixe)	FEM	não usou
<i>kayali</i>	pacu	MASC	MASC
<i>tawalio</i>	caninana	MASC	MASC
<i>kasali</i>			
<i>menese</i>	sucuri	MASC	MASC
<i>eyakali</i>	jacaré	MASC	não usou
<i>akioli</i>	tartaruga	FEM	MASC
<i>kolohi</i>	bico-doce (lagarto)	MASC	FEM
<i>dohõ</i>	calango-cego	FEM	não usou
<i>tolidoli</i>	abelha	FEM	FEM
<i>dowakwahi</i>	aranha	MASC	FEM
<i>akola</i>	escorpião	MASC	MASC

**Quadro 5:** Comparação da marcação de gênero em 18 itens lexicais

## 6.4 Contribuição semântica

Segundo Corbett (1991) e Aikhenvald (2016), toda língua que apresenta a categoria de gênero tem uma base semântica para essa marcação. Já para Passer (2016), mesmo que os sistemas de gênero gramatical apresentem nichos semanticamente produtivos (como é o caso da distinção de sexo biológico), a contribuição semântica no sintagma nominal nem sempre acontece.

A transparência semântica do sistema de gênero em EN é parcial, dependendo de algumas propriedades, são elas: animacidade, humanidade. Nesses ‘nichos semanticamente produtivos’, encontram-se as construções com referentes humanos em que a concordância é quase obrigatória. Vemos isso nos exemplos (37) e (38), nos quais a distinção do gênero de referentes humanos é feita com base no sexo biológico.

- (37) *holi kanene atanero enewalo*  
 holi kanene Atanero en-ewa-**lo**  
 EMPH INTERJ nome.prop 3SG-nome-FEM  
 ‘Aí o nome dela é Atanero’ (Texto)

- (38) *holi hekwali kanene enetani. walitere enewali walitere.*  
 holi hekwa-**li** kanene en-etani Walitere  
 EMPH substituto-MASC INTERJ 3SG-filho nome.prop  
 en-ewa-**li** Walitere  
 3SG-nome-MASC nome.prop  
 ‘Aí o substituto foi o filho dele. O nome dele é Walitere.’ (Texto)

Desta forma, o gênero em EN contribui para que haja a distinção de sexo biológico nas sentenças com referentes humanos. Nos outros contextos em que os morfemas de gênero podem ser utilizados, isto é, nas construções com nomes que se referem a seres não humanos, a contribuição semântica não ocorre ou não é transparente, já que os critérios utilizados para a classificação do léxico nominal para animais e objetos são de difícil reconhecimento.

Observamos que um dos falantes (OE), utilizou o gênero masculino com maior frequência para animais e objetos. Uma possibilidade é que o gênero masculino esteja sendo usado como um gênero não marcado por alguns falantes. Então alguns animais e inanimados podem ser marcados no gênero masculino quando o falante não conhece os critérios semânticos ou formais que determinam a atribuição para esses nomes. Há também o fato de que nomes inanimados podem não receber a atribuição de gênero.

## 7 Discussão

Foi possível observar que os classificadores apresentam um comportamento dentro do que era esperado em um sistema típico (como vemos no Quadro 2) e muito semelhante ao que foi descrito para a língua Paresi (cf. BRANDÃO, 2015). Um fato interessante é que esses morfemas podem classificar grupos específicos de animais, como nos casos dos peixes, alguns mamíferos e insetos.

Também é interessante que a maioria dos nomes referentes aos animais possuem uma variação na marcação de gênero, com falantes diferentes atribuindo gêneros diferentes para um mesmo nome, algo atípico para essa categoria. Notamos ainda que a língua segue uma tendência, atestada em outras línguas Aruák, como o Baniwa do Içana, de classificar os humanos apenas através do gênero, os inanimados apenas pela forma e os animais tanto pela forma quanto pelo gênero (Epps & Salanova, 2012).

No que diz respeito às propriedades do Quadro 2, a categoria analisada como gênero gramatical em EN apresenta algumas propriedades que não são típicas desse sistema de classificação, possuindo a primeira, parcialmente a terceira e a última propriedades do Quadro 2. Quanto ao *locus* de ocorrência dos morfemas, gênero e classificadores apresentam propriedades semelhantes em relação à ocorrência em nomes com função derivacional, em numerais e verbos descritivos. Porém, com diferenças em relação à concordância, número de classes e contribuição semântica.

Passer (2016)	Típico em CLF	Típico em Gênero	CLF em EN	Gênero em EN
Quantidade de classes	Várias classes	Poucas classes	7 classes	2 classes
Classificação de todos os nomes	Opcional	Obrigatória	Opcional	Opcional
Concordância	Opcional	Obrigatória	Opcional	Obrigatória apenas com humanos
Variação de fala	Ocorre	Não ocorre	Ocorre	Ocorre
Contribuição semântica	Significativa	Não significativa	Significativa	Significativa apenas para referentes humanos

**Quadro 6:** Propriedades dos sistemas de classificação nominal em EN

O fato de o gênero apresentar em parte algumas propriedades de sistemas de classificadores mostra que o gênero em EN pode estar tornando-se menos gramaticalizado<sup>9</sup>. A presente análise corrobora com

<sup>9</sup> Corbett (1991:311) menciona que a tendência encontrada nas línguas é que classificadores sejam fonte do surgimento de sistemas de gênero, ou seja, há uma tendência a gramaticalização. Apesar de não quisermos ou podermos dizer que os morfemas de gênero em EN estariam se transformando em classificadores, é evidente que a mudança que está ocorrendo na

a conclusão apresentada em Brandão & Reis (2020) que, ao analisarem o gênero dentro do *continuum* flexão-derivação com base em propriedades apresentadas em Aikhenvald (2016) e Gonçalves (2011), apontam que os morfemas de gênero em EN têm um comportamento mais próximo da derivação.

A hipótese mencionada em Brandão & Reis (2020) aponta para um estágio futuro em que os morfemas irão fazer referência apenas a humanos e se apresentar menos gramaticalizados, isto é, ocorrendo apenas dentro do sintagma nominal com uma função derivacional. As autoras apontam para características derivacionais apresentadas pelos morfemas de gênero em EN: baixa relevância sintática, com a concordância tendo seu uso cada vez mais restrito e opcional; não classificam todos os nomes da língua; apresentam variação; e, apesar de ter uma contribuição semântica, esta é bastante instável (cf. Brandão & Reis, 2020). Ocorrências da função derivacional dos morfemas *-li~ri* e *-lo~ro* já são observadas na língua, porém ainda estão em processo de documentação e análise (no entanto alguns podem ser encontrados no Quadro 4).

Essa é a situação encontrada na língua Paresi, que é geneticamente a língua mais próxima do EN dentro da família Aruák. Segundo Brandão (2014:204), os morfemas *-(ha)lo* e *-(ha)re* são resquícios de um sistema de gênero perdido em Paresi, e que agora ocorrem como nominalizadores (morfemas derivacionais) de verbos transitivos (39a), verbos intransitivos (39b) e adjetivos (40) para indicar o sexo biológico dos referentes humanos.

- (39) a. *xaka-lo*  
atirar-NMLZ  
'atiradora'
- b. *kiye-re*  
ser.preto-NMLZ  
'aquele que é preto'
- (40) *timene-re*  
pesado-NMLZ  
'aquele que é pesado'

## 8 Considerações finais

O presente trabalho descreve e analisa dois sistemas de classificação nominal existentes na língua EN, classificadores e gênero. Este último apresenta um processo de mudança que dificultou sua identificação enquanto categoria gramatical existente na língua. O principal avanço deste trabalho foi a descrição inédita do sistema de classificadores para que fosse possível a comparação entre os dois sistemas, além do uso de dados não apenas de elicitación, mas também de textos para confirmar as hipóteses sobre o gênero já elaboradas em trabalhos anteriores.

Descrevemos um sistema de classificadores com 7 morfemas que se referem ao formato e/ou tamanho dos referentes (longo, fino, rígido, cilíndrico, circular, pequeno). Esses classificadores podem ocorrer em três tipos de contextos: com nomes (possuindo função derivacional), com verbos descritivos e numerais (possuindo função anafórica). Nesses dois últimos contextos, a concordância é opcional, ou seja, o classificador pode ou não ser usado de acordo com a preferência do falante. O gênero, por sua vez, indica apenas duas classes: masculino ou feminino. Esses morfemas também podem ocorrer com verbos descritivos e alguns nomes, sendo a concordância obrigatória apenas com nomes referentes a humanos. Para nomes referentes a seres não humanos, a concordância é opcional, apresentando variação na atribuição do gênero e contribuição semântica de difícil reconhecimento.

Futuras pesquisas serão realizadas para investigar a existência de mais classificadores e as funções discursivas dos mesmos a partir dos textos. Pretendemos ainda iniciar um trabalho comparativo com o

---

categoria não é um processo comum. Já quanto a fonte dos classificadores, geralmente, são os nomes, como observamos na referida língua



sistema de classificação nominal em Paresi e em outras línguas Aruák. Esta pesquisa é resultado de um projeto de documentação, que também preocupou-se em coletar dados para uma descrição inicial dos nomes e verbos da língua.

Paralelamente, está sendo realizado um estudo histórico-comparativo que visa entender melhor a relação genética entre o Paresi e EN e a relação dessas línguas com outros agrupamentos da família. Há uma hipótese segundo a qual a língua EN e Paresi pertencem a um agrupamento chamado de Juruena, e seriam estágios diferentes (sendo o EN o mais conservador) de uma mesma língua mãe (Brandão e Carvalho, 2022). Portanto, esta descrição contribui com os estudos comparativos que vêm sendo realizados entre as duas línguas, já que mostra um possível estágio antes da perda do gênero gramatical.

## 9 Agradecimentos

Agradecemos ao povo Enawene Nawe, por terem nos recebido em sua comunidade e nos ensinaram sua língua, principalmente aos falantes que participaram ativamente do projeto de documentação. Também agradecemos às instituições que apoiaram nossa pesquisa, entre elas o *Endangered Language Documentation Programme* (ELDP) e a Universidade Federal do Pará. Não podemos deixar de agradecer aos pareceristas, um parecerista anônimo e Magdalena Lemus Serrano, pelos comentários que ajudaram a enriquecer nosso artigo.

## 10 Convenções de glosas

As seguintes abreviações de glosas de morfemas são usadas neste artigo: 1<sup>SG</sup> ‘primeira pessoa do singular’, 2<sup>SG</sup> ‘segunda pessoa do singular’, 3<sup>SG</sup> ‘terceira pessoa do singular’, CLF ‘classificador’, FEM ‘feminino’, INTENS ‘intensidade’, INTERJ ‘interjeição’, MASC ‘masculino’, NOME.PROP ‘nome próprio’, NPOSS ‘não possuído’.

## 11 Referências

- Aikhenvald, Alexandra Y. 1999. The Arawak language family. In: Robert M.W. Dixon & Alexandra Aikhenvald (eds.). *The Amazonian languages*, 65-106. Cambridge: Cambridge University Press.
- Aikhenvald, Alexandra Y. 2016. *How gender shapes the world*. Oxford: Oxford University Press.
- Armoskaite, Solveiga. 2014. Derivation by gender in Lithuanian. In: Ileana Paul (ed.). *Cross-linguistic investigations of nominalization patterns*, 169-187. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Brandão, Ana Paula. 2014. *A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)*. Austin, TX: University of Texas at Austin PhD dissertation.
- Brandão, Ana Paula & Thaina L. Reis. 2020. Gênero gramatical em Enawene Nawe? *Revista de Letras Norteamericanas* 13(33). 208-227.
- Carvalho, Fernando & Ana Paula Brandão. 2022. A diachronic account of Paresi (Arawakan): person marking and alignment. *International Journal of American Linguistics* 88(2). 137-170.
- Corbett, Greville. 1991. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Epps, Patience & Andrés Salanova. 2012. A linguística Amazônica hoje. *Liames* 12(1). 7-37.
- Grinevald, Colette. 2000. A morphosyntactic typology of classifiers. In: Gunter Senft (ed.), *Systems of nominal classification*, 50-92. Cambridge: Cambridge University Press.
- Miranda, Camille Cardoso. 2020a. Uma análise preliminar do sistema de classificadores em línguas Aruák. *Domínios de Linguagem* 14(1). 85-127.
- Miranda, Camille Cardoso. 2020b. Categorização nominal em línguas Arawák: revisando a questão de gênero gramatical. *Estudos Linguísticos* 49(3). 1529-1550.
- Passer, Matthias Benjamin. 2016. *The typology and diachrony of nominal classification*. Netherlands: LOT.

- 
- Reis, Thaina. L. & Ana Paula Brandão. 2018. Termos de Parentesco em Enawene Nawe (Aruák): Análise Do Gênero Gramatical. *Anais do II Congresso De Línguas Indígenas De Mato Grosso (Clint)*. vol.2. ISSN 2527-1539.
- Reis, Thaina L. 2020. *Uma análise preliminar do gênero gramatical em Enawene Nawe (Aruák)*. Belém, PA: Trabalho de conclusão de curso pela Universidade Federal do Pará.
- Rezende, Ubiray Maria Nogueira. 2003. *Fonética e fonologia da língua Enawene Nawe (Aruak): Uma primeira abordagem*. Rio de Janeiro, RJ: Dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.